

O pensamento de Foucault e fatores sociais na escolarização do Brasil

Monica Messias Silva¹

Como abordar o termo *dispositivo* na educação? A autora Cynthia Greive fala da importância que Foucault teve para os estudos nessa área ao escrever *História da Sexualidade*. O termo *dispositivo*, segundo Foucault, seria todo jogo que existe dentro de uma esfera de poder, onde coabitam aquele que detém o poder e o que sofre suas consequências. Esse jogo está presente em toda forma de comunicação, como a midiática e aquela estabelecida em sala de aula. As ideias de Foucault possibilitaram uma nova função metodológica do termo *dispositivo*:

1º) Demarcar uma rede que pode estabelecer-se entre elementos heterogêneos, ditos e não ditos, tais como: discursos, instituições, organizações arquitetônicas, regulamentações, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.

2º) A natureza da relação entre tais elementos, discursivos ou não, está inscrita em um jogo de poder, ou seja, de mudanças de posição e de modificação de funções, ligado a configurações de saber que dele nascem e o condicionam.

3º) Além de ser uma estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo é de natureza essencialmente estratégica, um tipo de formação que em determinado momento histórico teve como função principal responder a uma urgência, e que supõe certa manipulação das relações de força, certa intervenção racional e organizada nestas relações de força.

E mais, Foucault² sintetiza suas ideias dizendo que são as relações que formam o dito *dispositivo*.

Então, o que Cynthia vai questionar é se o que temos, em termos históricos, é a “escola como dispositivo” ou um “dispositivo de escolarização”? Ao aproximar-se de Foucault a autora percebe que ambos os termos têm significados muito distintos.

¹ Mestra pela Universidade de São Paulo – Mestrado Interdisciplinar em Filosofia e Letras. Bacharelado e Licenciatura em Letras: Português e Francês.

² Foucault, Michel. *História da sexualidade*. 1998. Rio de Janeiro: Graal. v. 1.

A ideia de “dispositivo de escolarização” é a interpretação que Cyntia dá tomando como base as ideias de Foucault. Assim, “dispositivo de escolarização” é um tipo de *dispositivo*, o qual envolve um jogo proposital de manipulação dos educandos.

Tomemos como exemplo a escola. Ela poderá produzir do ignorante ao gênio, uma vez que para Foucault é o hospício que faz o louco. Produzir um ignorante seria, dessa forma, parte de um projeto maior para a nação. A escola, quando produz um ignorante, ela como escola, também seria capaz de produzir conhecimento através do poder que tem sobre seus alunos.

O produto (os alunos) de uma escola que visa à produção de conhecimento terá bons intelectuais, produtores de ainda mais conhecimentos. Já as escolas que não visam a uma boa produção de conhecimento, terão seus alunos dispersos a demais entretenimentos exteriores à educação.

Dado o posto, problematizamos a ideia de Foucault de que a existência de um único indivíduo em toda uma sociedade é muito complexa. Para além da questão da escola formar gênios ou ignorantes, existe o fato de não haver como generalizarmos as metodologias de ensino. A generalização metodológica não atende a todos. Cada indivíduo, ou seja, cada educando é inserido e se insere em diferentes âmbitos sociais e, é desses diferentes âmbitos que se forma a heterogeneidade de uma sala de aula.

O que está acontecendo atualmente é o que poderíamos chamar de inserção de sujeitos em espaços educacionais que muito ou pouco lhes oferece, em termos de educação, uma vez que não só se desconsidera o fato de um indivíduo ser completamente diferente de outro indivíduo, como também sua qualidade de vida, visto que o lugar em que estes jovens indivíduos passam a maior parte de seu dia é na escola. Nesse cenário, existem escolas e escolas. Há aquelas que dão total suporte acadêmico e emocional ao jovem, mas há em sua grande maioria escolas que funcionam em uma não funcionalidade, sem estrutura aos professores para lecionarem, sem infraestrutura física para todos os envolvidos, o que consequentemente resulta em ignorância populacional. A partir daí nasce o fosso social, que viabiliza uma sociedade de inseridos e marginalizados, estabelecendo-se de dentro da escola quem serão os detentores do poder e quem serão os subjugados e ele. Não se trata de ter ou não ter conhecimento. Trata-se de ter ou não ter condição social para financiar ou não uma carreira escolar, pois como é notório, alunos de escolas privadas têm acesso a conteúdos acadêmicos que um estudante da escola pública jamais viu ou verá.

Logo, o “dispositivo de escolarização” acarretará consequências, boas ou ruins, proveitosas ou não. Tudo dependerá do meio no qual o indivíduo está inserido.

Muitos são os fatores históricos que vieram interferir na escolarização, como a modernização da sociedade e as necessidades de mão de obra qualificada, exigindo uma população letrada à força, gerando assim, uma sociedade apenas de conhecimento básico, e não uma sociedade com conhecimento que gere desenvolvimento intelectual. Daí surgiram as escolas de massa e o indivíduo teve cada vez menos a atenção de seu mestre. As salas de aula passaram a ter um grande contingente de alunos e, concomitantemente, um rendimento intelectual menor.

O que muitas vezes vai tirar o jovem indivíduo de um sistema de educação precário, em idade escolar, são fatores exteriores ao “dispositivo de escolarização”, como o grau de instrução do meio familiar em que vive e, também, as relações que este mesmo jovem indivíduo busca em seu dia a dia. Em outras palavras, é difícil dizer se hoje há um “dispositivo de escolarização” capaz de influenciar um aluno intelectualmente.

Como este *dispositivo* esteve empregado em nossa sociedade brasileira? E como pensá-lo hoje?

Acredito que há uma necessidade de aproximar o mestre (o professor) e o indivíduo (o aluno). A partir do momento em que aquele conheça melhor os interesses e as habilidades deste como sujeito único, e não como membro de um corpo total massificado e, por isso, homogêneo. Quando isso ocorre, melhores frutos são colhidos em termos de aprendizado.

O educador, diante desse quadro social, deve ser ciente de que um indivíduo é completamente diferente de outro, sempre haverá exceções: aquele cujas habilidades e competências idiossincráticas o levarão a um patamar social diferente daquele do qual veio. Desde que se incluam à construção desse sujeito influências de pessoas que lhe creditaram valor, recursos privados e recursos públicos que lhe proporcionem seguir adiante pelos caminhos que procurou.